

A MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇAS MENTAIS: DA GÊNESE AO TRATAMENTO PSICOTERÁPICO

Heloísa Millena Moraes Silva¹, Rhelrison Bragança Carneiro¹, Sérgio Nunes de Jesus²

1. Estudante do Técnico em Informática Integrado do IFRO, *Campus Cacoal*

2. Professor/Orientador do IFRO, *Campus Cacoal*

Resumo:

A relação entre música e tratamento de doenças mentais se constituiu desde o primeiro momento em que o homem manipulou os sons de forma a criar significação e, por consequência, usou de maneira profilática. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo abordar o processo histórico que constitui a musicoterapia. A ligação entre a música e a saúde envolve desde as crenças e mitos - onde os espíritos maus eram afastados com músicas até os tratamentos clínicos dos casos pós-traumáticos das Grandes Guerras Mundiais. Apesar de interferências religiosas e sociais, a musicoterapia se fortificou, por meio de estudos e experimentos, sendo hoje considerada uma ciência da área médica.

Palavras-chave: Histórico, Música, Terapia.

Apoio financeiro: IFRO, *Campus Cacoal*.

Introdução:

Há milhares de anos faz-se uso da música como forma de cuidado da saúde do homem e como uma das formas de tratar a 'loucura' (TYSON, 1981; COSTA, 1989). Porém, somente a partir de 1914 as possibilidades terapêuticas da música em hospitais gerais foram reconhecidas pela Associação Médica Americana com publicação de artigo escrito pelo médico Van O'Neill Kane (DAVIS & GFELLER, 2000) que utilizou um fonógrafo nas salas de cirurgia para acalantar e distrair pacientes antes da anestesia geral e durante anestesia local.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os hospitais dos Estados Unidos contrataram músicos profissionais após comprovar o efeito relaxante e sedativo nos doentes de guerra produzido pela audição musical por meio de sessões terapêuticas. Apesar desses fatos, a musicoterapia se tornou uma profissão somente depois da Segunda Grande Guerra, por meio dos resultados do trabalho nos hospitais de veteranos. Os musicoterapeutas organizavam programas que utilizavam da música como forma de tratamento pós-traumático para soldados feridos em guerra (DAVIS & GFELLER, 2000). Na década de 1950, surgem metodologias em musicoterapia como forma de tratamento de pacientes, as pesquisas e tratamentos com musicoterapia foram crescendo cada vez mais, sendo hoje, trabalhada em diversos centros de tratamento.

Tendo em vista a expressão emotiva, música é, junto à dança, uma das mais antigas manifestações de arte e, como expressão, precede a linguagem oral, uma vez que, o homem manipulou a música como linguagem (MARANHÃO, 2007; PAHLEN, 1947/1965). O som faz parte da vida e, onde há movimento, há som. Porém, os sons, para os seres humanos, são mais que percepções acústicas - por meio desse, o homem cria diversas formas de sentimentos e expressões que, com o passar do tempo, implicam na sua forma de relacionar-se com o mundo (AMUI, 2006).

Ao observar o grande valor da musicoterapia no tratamento das doenças mentais, os dados demonstram a relação em questão histórica, entre a história da música e a terapia musical até o surgimento da musicoterapia que constitui um dos principais métodos de tratamento terapêutico da atualidade, sendo reconhecida como uma forma de comunicação em meio ao musicoterapeuta e o paciente.

A musicoterapia tem como objetivo possibilitar que o indivíduo organize com harmonia a mente, o corpo e o coração e assim restaure sua individualidade sonoro-musical ao desenvolver aspectos psicomotores e proporcionar o aprimoramento da relação musical com a linguagem.

Metodologia:

Foram realizadas pesquisas bibliográficas que fundamentaram a relação entre a música e a base terapêutica enquanto contexto conceitual (teórico) e histórico (acontecimento). Pois pouco se tem conhecimento da concepção histórica da musicoterapia no tratamento das doenças mentais.

Pouco se sabe sobre a pré-história da música já que a notação musical se constituiu mais tarde (SCHNEIDER, 1957). Desta forma, o material de estudo que hoje conhecemos é constituído por estudos comparativos de antigos mitos, músicas, instrumentos musicais e materiais culturais de sociedades tradicionais que mantêm tradições primitivas (PAHLEN, 1947/1965).

Por meio de escavações arqueológicas feitas em templos, pirâmides e túmulos egípcios, foram encontradas diversas objetos cujos evidenciam a produção artísticas, como também, a existência de instrumentos musicais de corda, sopro e percussão (ELLMERICH, 1973; BLASCO, 1999).

A música era considerada sagrada e individual, cada ser possuía seu próprio som. Na busca pela cura o

feiticeiro buscava o som do ser, para que edificasse uma vibração simpática. A partir da edificação desse motivo sonoro, se compunha uma melodia de cura para retirar o espírito maligno (SCHNEIDER, 1957).

Na Idade Média, o cristianismo opôs-se as práticas médicas anteriores, focando apenas na superstição, o tratamento de doenças nos conventos foi sobreposto pelo interesse de salvar a alma (ALVIN, 1967; COSTA, 1989). As doenças mentais eram tratadas como possessões demoníacas cujo tratamento cabia apenas ao padre (COSTA, 1989).

Durante o século XII surgem as primeiras universidades. A música fazia parte do currículo normal das universidades devido sua ligação com a teologia e a matemática, entretanto, a música era controlada pela igreja, pois temiam a influência da mesma na alma (COSTA, 1989). Logo, no Renascimento, os médicos se interessam na relação entre música e saúde (ALVIN, 1967). Retoma-se a teoria de Hipócrates dos quatro humores do corpo ligados com os quatro elementos da Terra (TYSON, 1981). O desequilíbrio de um dos humores ocasionaria doenças. Como a música é considerada equilíbrio, a essa cabia reequilibrar esses humores, resultando na cura do enfermo (TYSON, 1981; COSTA, 1989).

Um dos primeiros médicos a retratar experimentalmente os efeitos terapêuticos da música foi Robert Burton (1577-1640), ele refere que a música podia alegrar o melancólico e “reviver” a alma.

No século XVIII surge as primeiras composições musicais sobre musicoterapia, ainda, Richards Brocklesby (1749) escreve um guia com experimentos realizados, onde traz casos musicoterapêuticos, com os sintomas da doença, o histórico musical do paciente e a denotação de como deveria ser realizado o tratamento como propostos pelo modelo médico. Nesse sentido, é válido afirmar que os séculos XVIII e XIX foram importantes para o surgimento da musicoterapia, pois, nesses séculos, as influências da música no homem começam a ser pesquisadas com afinco e fundamentada mediante as pesquisas experimentais (teóricas).

Resultados e Discussão:

Por volta do século XX, houve o marco do reconhecimento da musicoterapia como profissão e disciplina. Sua primeira utilidade foi durante a Segunda Guerra Mundial, cujos pacientes sofreram traumas e transtornos mentais, a partir disso a música se tornou necessária em programas do exército.

No fim da Segunda Guerra Mundial, as pessoas ainda sofriam com traumas e transtornos mentais, e como consequência, foi preciso a criação de hospitais de recuperação - um dos objetos de terapia foi a música.

Após bons resultados na utilização do método, foi criado o primeiro curso de formação de musicoterapeutas na Argentina e na América Latina, na *Universidad del Salvador*. O curso tinha seus fundamentos em três áreas: Música, Psicologia e Pedagogia.

Em 1970 chega ao Brasil o primeiro curso de musicoterapia na faculdade de Artes do Paraná e de graduação em 1972 no Rio de Janeiro no Conservatório Brasileiro de Música. Em 1975, um dos primeiros registros de pesquisa foi de *Di Pancaro*, no Rio Grande do Sul em que foi denominado como uma análise e resultados a incentivos musicais com os enfermos psíquicos (PIAZZETTA, 2006).

A Musicoterapia é o campo da medicina que estuda o complexo som-ser humano-som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para produzir efeitos terapêuticos, psicoprofiláticos e de reabilitação no mesmo e na sociedade (BENZON, 1988, p. 11).

Na musicoterapia é possível identificar-se outros modelos além da psicanalítica, esses modelos apareceram no final do século XX, Even Ruud divide esses modelos em modelo médico, teorias psicanalíticas, teorias behavioristas e tendência humanista/existencial em psicologia.

Even Ruud trabalhou junto a Isabelle Frohne no livro “Música e Saúde”, Frohne aborda a relação entre musicoterapia e psiquiatria com a educação social, temas importantes e de grande valor para a história.

Ao longo da década de 1970, Clarice Moura Costa fez várias publicações inclusive desenvolveu o Projeto de Pesquisa Interdisciplinar de Musicoterapia e Serviço Social (1985-1988) e um livro baseado em tratamento da musicoterapia, psiquiatria e a linguagem “O despertar para o outro: musicoterapia”.

Conclusões:

A história dos usos terapêuticos está intrinsecamente ligada ao cuidado da saúde mental. O homem convive com a música desde as primeiras civilizações e a usa como forma de tratamento.

É nítido que na Pré-História até a Idade Antiga a música teve caráter ‘mágico-religioso’, assim, ainda não possuía o objetivo de intervenção na mente humana. Ao passar do tempo, retoma-se a teoria dos humores do corpo, na qual a música servia como um método de reequilíbrio.

No século XVIII, devido ao Renascimento, a musicoterapia começou a ser fundamentada e analisada. Foi nessa época que a medicina se separou entre a área fisiológica e a área psicológica, sendo a música comprovada como um excelente método de tratamento psíquico. A partir do século XX, deu início a formação de um novo curso, hoje uma graduação com métodos e instrumentos que são eficazes para o estudo da musicoterapia, a partir de “experimentos”, desde as guerras até o tratamento clínico especializado.

Sendo assim, é válido considerar que, a musicoterapia se baseou em teorias e estudos que, atualmente, compõem mais áreas da ciência como parte de uma das áreas da medicina: a psiquiatria – essa fundamental aos estudos da psicologia e da linguagem psiquiátrica.

Referências bibliográficas

- ALVIN, J. **Musicoterapia**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1967.
- AMUI, J. M. **Imagem musical**: reflexões sobre a musicalidade da alma. Anais do IV Congresso Latino-americano de Psicologia Junguiana, (pp. 30-35). Punta del Este, Uruguay, 2006.
- BENENZON, R. O. **Teoria da musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. São Paulo: Summus editorial, 1988.
- BLASCO, S. P. **Compendio de musicoterapia**. Barcelona: Herder, 1999.
- COSTA, C. M. **O despertar para o outro**. São Paulo: Summus, 1989.
- DAVIS, W. B. e GFELLER, K. E. I. Musicoterapia: una perspectiva histórica. In: DAVIS B. D., GFELLER K. e THAUT M. H. **Introducción a la musicoterapia**: teoría y práctica. Barcelona: Editorial de música Boileau, 2000, p.15-35.
- ELLMERICH, L. **História da música**. São Paulo: Fermata, 1973.
- MARANHÃO, A. L. V. **Acontecimentos sonoros em musicoterapia**: a ambiência terapêutica. São Paulo: Apontamentos, 2007.
- PAHLEN, K. **História universal da música**. Trad. A. Della Nina. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramento, 1965. Original de 1947.
- PIAZZETTA, C. M. O desenvolvimento da pesquisa em musicoterapia no Brasil. **Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia**, Goiânia, GO, Brasil, 2006.
- RUUD, E. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.
- RUUD, E. (Org). **Música e saúde**. Trad. Vera Bloch Wrobel; Glória Paschoal de Camargo; Mirian Goldfeder. São Paulo: Summus, 1991. SCHNEIDER, M. Sobre la esencia de la música. In: Origenes de la Música – La Literatura. La Música. Barcelona: Editorial Labor, p. 845-958.
- SCHNEIDER, M. **Sobre la esencia de la música**. In: Origenes de la Música – La Literatura. La Música. Barcelona: Editorial Labor, p. 845-958.
- TYSON, F. **Psychiatric music therapy**: Origins and development. New York: Wiedner & Son, 1981.